

Silvia Leonor Alonso

Ressonâncias da clínica e da cultura

Ensaio psicanalítico

Blucher

RESSONÂNCIAS
DA CLÍNICA E DA
CULTURA

Ensaio psicanalítico

Silvia Leonor Alonso

Ressonâncias da clínica e da cultura: ensaios psicanalíticos

© 2022 Silvia Leonor Alonso

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Ariana Corrêa

Preparação de texto Carolina do Vale

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto MPMB

Capa Leandro Cunha

Imagem de capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Alonso, Silvia Leonor

Ressonâncias da clínica e da cultura : ensaios psicanalíticos / Silvia Leonor Alonso. – São Paulo : Blucher, 2022.

194 p. (Coleção Psicanálise Contemporânea)

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-402-5 (impresso)

1. Psicanálise. I. Título. II. Série.

22-5202

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Introdução	9
1. A escuta psicanalítica e seus impasses	15
2. O tempo na escuta do analista	35
3. “Bons encontros” com o pensamento de André Green	55
4. “Luto e melancolia”: importância e influência do texto freudiano	67
5. Sexualidade: destino ou busca de uma solução?	87
6. O conceito de gênero retrabalhado no marco da teoria da sedução generalizada	111
7. Feminismos, psicanálise e política	131

8. “A vida quer viver...”: reflexões sobre os efeitos subjetivos da desumanização e as proteções do psiquismo 147
9. A investigação na formação continuada do psicanalista: especificidades e relatos de experiências 177
- Série Psicanálise Contemporânea 191

1. A escuta psicanalítica e seus impasses¹

A psicanálise inaugurou o campo da *escuta*, produzindo uma ruptura epistemológica com o pensamento psiquiátrico do momento, que tinha o “olhar” no centro. No império do naturalismo, o conhecer olhando é o fundamental.

Desde 1882, Charcot, como titular da cadeira de clínica das doenças nervosas da Salpêtrière, fazia as apresentações de doentes num seminário semanal observado por médicos de toda Europa e homens importantes da cultura, montando um verdadeiro espetáculo no qual as histéricas, a pedido do mestre, se mostravam, convertendo-se em verdadeiros “quadros vivos”, que permitiam a Charcot demonstrar suas hipóteses e precisar as diferenças diagnósticas. A figura olhada sobre o espaço imperava na objetividade positivista.

¹ Texto apresentado em uma conferência da instituição Sigmund Freud Associação Psicanalítica (SIG) em Porto Alegre (RS), em 2013. Ele foi construído a partir de vários textos sobre a escuta e a clínica psicanalítica, publicados no livro *O tempo, a escuta, o feminino* (2011), de minha autoria.

No entanto, na escola de Nancy, Bernheim começava a levar em conta o relato dos pacientes. Ambos os mestres influenciaram Freud, mas este consegue realizar rupturas importantíssimas, guiado pelas próprias pacientes que lhe solicitavam que as deixassem falar e contar os seus sonhos, além de resistirem ao sono hipnótico. Assim, Freud foi transformando sua forma de trabalho, abrindo espaço para o “método psicanalítico” e convocando os analisandos a participarem do processo de cura.

Nesta ruptura epistemológica, o campo se expande e se modifica, quando no predomínio do olhar este ficava reduzido ao “dado”. Na escuta, ele se faz tridimensional, sendo tecido nas lacunas do discurso. No processo da narrativa e das recordações, a história vai abrindo caminho. A palavra ocupa o lugar central e a escuta da fala do analisando fica no centro da experiência analítica.

Mas a qual *fala* estamos nos referindo? À fala associativa, escutada em atenção flutuante e demarcada pela abstinência do analista. Essas condições ampliam as possibilidades da linguagem, não deixando a fala reduzida à sua intenção de comunicar alguma coisa e lhe devolvendo suas possibilidades de desdobramento, a sua abertura polissêmica. As regras do método retiram a fala do seu lugar “enlutado” e lhe devolvem a possibilidade lúdica, na qual vão se desenhando figuras que chegam à escuta do analista. A fala em associação livre se amplia pela diminuição da censura, tanto naquele que fala quanto naquele que escuta, indo na direção daquilo que excede a ela própria, dizendo mais do que o analisando se propõe a dizer, nas suas lacunas, nas suas repetições e contradições do seu conteúdo. A fala também diz na sua forma: se esvai nos momentos depressivos, se agita na euforia, se paralisa na inibição, se faz fugidia na evitação da angústia. Diz também nas suas brechas, no surgimento do lapso, do sonho, nos seus tropeços. A escuta do analista acompanha acolhendo as vivências afetivas nas quais

ressoam os restos de sentido. A fala vai recolhendo fragmentos que estavam esquecidos, recalçados, desmentidos ou desarticulados e que recobram a possibilidade de circularem, sendo assim transformados pelo seu poder metaforizante.

A fala na análise é uma fala em transferência, sendo que cada analisando nos procura a partir do seu sofrimento e nos faz portadores de um saber sobre esse sofrimento, capaz de decifrar os seus enigmas. Quando alguém nos procura, quando se trata de uma situação atinente ao campo das neuroses, o faz motivado por um sofrimento. Um sintoma produz sofrimento e vira enigma. A demanda surge na crença de ter encontrado alguém possuidor de um saber capaz de diminuí-lo. Nos convertem em sujeitos que supostamente sabem de seu sofrimento e em sustentáculos de uma crença de transformação. Como analistas, suportamos este lugar sem nos confundirmos com ele. Para isso se faz necessário uma renúncia narcísica, para não nos convertermos em amos do desejo, virando sugestionadores e encarnando o lugar do ideal, convertendo a análise em pedagogia e num espaço de normatização.

Como analistas, sabemos do método e temos um exercício da escuta, mas o início de cada análise nos depara com o desconhecido do sujeito e dos caminhos a serem seguidos no processo, seja com o primeiro analisando ou já como analistas experientes. É fundamental que consigamos suportar este lugar perante o desconhecido, investindo prazerosamente na busca do desconhecido. Escreveu Aulagnier (1998):

. . . sujeito suposto capaz de suportar a situação analítica e suas coerções, mas também, sujeito capaz de encontrar na experiência, momentos de prazer, condição necessária para que possa investir este trabalho psíquico particular que o processo analítico exige. Sem

dúvida, suportar a frustração, a regressão, o não agir, a colocação em palavras, mas também se descobrir capaz de criar novos pensamentos, fontes de prazer, tornando suportáveis as provações e o desprazer que necessariamente a experiência impõe . . . Investir o processo, investir nossa escuta, e o discurso que se lhe oferece é então investir a possibilidade de ter que pensar o inesperado. (p. 25)

A aposta que fazemos na possibilidade de transformação e o investimento prazeroso na busca do desconhecido, permitem que o próprio analisando vá construindo uma capacidade de manter-se em contato com a fantasia e, a partir dos pequenos restos, vá criando sentidos.

No campo da transferência, o inconsciente insiste em ser escutado na repetição, se fantasiando na trama dos movimentos imaginários e que, aos poucos, vai tecendo o fantasma. No alicerce da palavra está a pulsão, que procura sua satisfação na repetição, e acompanhando-as, podemos rastrear as identificações.

O único destinatário da fala é o analista. Este ocupa o lugar que lhe é solicitado na transferência, sem confundir-se com ele e respeitando a abstinência, pois ao não responder à demanda concreta, ele abre a brecha para o desejo e o espaço que conduz aos fundamentos infantis do amor e suas origens inconscientes.

A construção do campo da escuta: da sugestão à transferência

Freud herdou de seus mestres o método hipnótico e o uso da sugestão, e no início fazia uso deles. Ele dizia que Bernheim

mostrara grande conhecimento ao fundar a sua teoria sobre os fenômenos hipnóticos na sugestionabilidade. No entanto, ele não conseguira explicar a sua gênese, além de não haver percebido a relação entre a sugestão e a sexualidade. Freud se dera conta de que apesar de renunciar ao método hipnótico e à ordem sugestiva, não poderia renunciar à importância da sugestionabilidade, entendendo por esta a possibilidade de influência da palavra de um sujeito sobre outro, sem o qual não poderíamos entender o efeito da interpretação. Freud seguiu então dois caminhos: a compreensão da relação entre sugestionabilidade e sexualidade e o aspecto de sugestão no interior da transferência.

Se o conceito de transferência vai ganhando sua importância aos poucos no pensamento freudiano, passando de um lugar periférico para um lugar central, como objeto, motor da cura e instrumento de trabalho, será nos textos de 1912 a 1915 que Freud realizará um estudo detalhado sobre o conceito e sua complexidade, distinguindo três facetas da transferência: a repetição, a resistência e a sugestão, além de seu cruzamento com as teorias da sexualidade e do narcisismo.

O aspecto da repetição leva à sexualidade infantil e sua presença na sexualidade adulta, grande descoberta freudiana, leva à regressão tópica como o caminho que se segue em análise. Da consciência às marcas inconscientes, do processo secundário ao processo primário, do sintoma aos elementos que surgem de sua desconstrução, conduzem-nos até o infantil, a inscrição do vivido em pequenos traços. Por isso, nenhum pequeno detalhe é desprezível na escuta do analista.

A partir de uma escuta das minúcias, vamos recuperando pedaços de tecido nos quais se alojam os lutos, as vicissitudes da sexualidade, as construções e as perdas de objeto. Tudo isso no “campo da transferência”, que é criado pelas próprias regras do

contrato analítico, no qual, no dizer de Freud, se dirimem todos os conflitos. Ou seja, as regras da associação livre, da atenção flutuante e da abstinência criam o campo no qual o caminho regressivo permite ao inconsciente agir na transferência.

O aspecto da sugestão nos leva à estrutura narcísica da transferência. Quando nascemos, o berço que nos acolhe é o sonho que nossos pais construíram para nós: o berço de ouro, já que ele foi feito a partir do seu próprio narcisismo e dos sonhos que eles próprios não realizaram. Por identificação com esse sonho, construímos em nós o ego ideal, o lugar da perfeição do qual a vida nos vai separando ao longo do tempo, mas que não nos abandona definitivamente e muitas vezes tentamos recuperá-lo na relação com outro: as escolhas amorosas narcísicas, as paixões, a hipnose, a montagem narcísica da transferência.

No início da análise, colocamos o analista no lugar do ideal, o que faz surgir o amor na transferência, que funciona como base da sugestionabilidade. Freud nos lembra que quem ama demanda ser amado. A demanda de amor é acolhida na escuta do analista, mas não respondida, já que isso manteria uma situação especular de continuidade entre analisando e analista, criando um sem saída da estrutura narcísica da transferência.

O analista, ao ocupar o lugar que lhe é dado na transferência, permite o rebaixamento do recalque e a possibilidade de expressão do fantasma de desejo. Será pela abstinência, na não resposta à demanda concreta, que se abrirá o caminho na direção da necessidade e do desejo, que nos levarão aos fundamentos infantis do amor. É o processo de repetir, recordar e elaborar.

O aspecto da resistência: no processo da análise, cada avanço precisa ganhar terreno sobre os próprios recuos, o que levou Marie Moscovici (1990) a comparar o processo de uma análise com o comportamento do salmão, que, na época da desova, sobe o curso

das águas na direção das nascentes, em contracorrente, no sentido inverso da queda das cascatas, dando saltos quase impossíveis e alcançando incríveis voos para vencer a força contrária.

As resistências podem vir do lado do divã ou do lado da poltrona. Freud, do lado do analisando, estudou a resistência na forma de transferência erótica, no qual uma analisanda se diz apaixonada pelo analista e quer ser correspondida, sendo este o momento agudo da resistência, já que a associação livre se detém e o desejo de analisar-se desaparece. A realidade psíquica cede o lugar à pessoa concreta do analista e o espaço analítico se fecha, pois se quer obter no real algo que deveria levar a uma recordação e, portanto, mantido no domínio do anímico.

A atenção centrada na figura do analista faz com que as associações parem, detendo a possibilidade do movimento psíquico e de qualquer transformação. Nos jogos transferenciais, a representação dos personagens é múltipla, sendo substituída por uma outra em que a libido se fixa e age como alarme. Freud considera que é nestes momentos de resistência que a análise e a hipnose se aproximam, pois, na hipnose, o hipnotizado mantém seu olhar fixo no hipnotizador.

Às vezes, a resistência se coloca do lado do analista. Neste caso, é ele que avança demasiadamente, ocupando o campo e comprometendo a função analítica. Ou seja, a passagem da sugestão à transferência não é uma questão que ficou para trás, a possibilidade de virarmos sugestionadores está em cada análise. Ainda que as formas de sugestão atuais possam ser mais sofisticadas, é importante levá-las em conta para não cairmos na armadilha.

A sugestão é substituída pela rememoração, mas ela não pode ser confundida com a memória-arquivo. Trata-se de uma memória particular que se constrói na diversidade das inscrições e na multiplicidade de temporalidades. São os pequenos fragmentos

de realidade misturados e ressignificados no *après-coup*, nos quais distinguir o que é da fantasia, do real e do sonho não é fácil, mas em todo caso é uma realidade construída nas tramas sinuosas tecidas entre realidade e fantasia.

O analista escuta a partir do lugar de transferência. Ele é quase um resto diurno capturado na migração das pulsões, das representações, das experiências vividas, um destinatário-transitário, como nas palavras de Pontalis (1991). Sendo o único destinatário da palavra na transferência, ele ocupa um lugar central ao redor do qual se montam os circuitos de repetição alicerçados na pulsão. A partir desse lugar, o analista acompanha as repetições, não para explicá-las ao analisando, mas sim para deixar-se tomar pela transferência e no interior dela fazer um deslocamento, a princípio subjetivo, que poderá ser transmitido ao analisando com uma palavra, um gesto, ou às vezes até mesmo por meio do silêncio. É na transferência que o passado, que nunca foi passado, adquire força de atualidade, permitindo que o fixo da repetição abra brechas, inaugurando novas significações e novas interrogações.

Ampliação do campo da escuta: da rememoração ao irrepresentável

Freud, desde o início de sua obra, insistiu no trabalho central da rememoração na análise, visando desfazer os efeitos da amnésia infantil e preencher as lacunas de memória. Ele manteve essa proposta até os tempos tardios, mas ela foi revelando os seus limites ao longo de sua obra. A imagem do arqueólogo que encontra restos preservados das experiências infantis, ou que reconstrói o que existia baseando-se em traços deixados, é uma analogia que aparece constantemente em seus trabalhos, mas ele próprio a reconhece

como muito limitada para tratar da complexidade do material psíquico e do trabalho analítico.

A partir de *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900), o analista está colocado diante do texto enigmático. O conteúdo manifesto do sonho que, por efeito da deformação onírica, do deslocamento e da condensação, aparece como uma mensagem cifrada que precisa ser desvendada. A mesma concepção se estende ao sintoma: decifrar um texto enigmático passa a ser tarefa central do trabalho analítico.

Rememorar é tornar consciente o inconsciente, lembrando as vivências e os afetos por elas provocados. Trazer à tona o recalcado a partir dos restos dos sonhos e das associações, permitindo mediante as repetições na transferência, a aparição dos afetos recalcados. Mas o espaço da rememoração vai encontrando limites.

O livro *Mais além do princípio do prazer* (Freud, 1920) apresenta uma dimensão mais estranha e demoníaca, em que as moções pulsionais desligadas e regidas pelo princípio de Nirvana, buscam anular a tensão e encontrar a satisfação imediata, fazendo com que a repetição e a ação ocupem o lugar da fala e da rememoração.

Por outro lado, no texto “Construções em análise”, Freud (1937) relativiza a importância da lembrança e reconhece que a convicção é capaz de produzir um efeito análogo à recordação. Reconhece também a existência de um passado anterior à linguagem, que não pode voltar como recordação. Aqui, portanto, a escuta do analista deve mostrar-se disponível para o que não está escrito, abrindo-se para o mundo do irrepresentável. Ao lado da interpretação, a construção fará com que algo antes existente apenas como inscrição sensorial passe a poder desenhar uma figura.

“O trabalho de simbolização significante” implica que o analista se ofereça na sua escuta, como suporte, para que a fantasmática

que o mundo desejante articula possa criar novos sentidos, mas também abrir um espaço na linguagem para aquilo que não tem palavra. O analista fará esse trabalho dirigindo-se ao lugar psíquico onde o pulsional traumático insiste, ajudando-o a tornar-se figura.

Presenciamos, assim, uma ampliação do campo da escuta, que não ocorre por um abandono das concepções anteriores. Evidentemente, o que funciona no interior da ordem do princípio do prazer vai continuar a ser trabalhado, assim como o que surgiu como formação inconsciente, o efeito do recalque, permanecerá como objetivo da análise. Mas agora passa a ser necessário, também, acolher o “mais além”, para poder se fazer face ao irrepresentável.

No processo de análise, a história põe-se em jogo na transferência. Enquanto os analisandos contam as histórias, eles e os analistas reescrevem a história, que se apresentava deformada pelo processo do recalque, seus silenciamentos e disfarces. Mas, ao mesmo tempo, também escreve nas lacunas onde nada havia sido escrito, desde que se empreenda a construção de uma superfície na qual essa escritura seja possível. O “espaço da borda” em que podem ser produzidos sonhos, brincadeiras, atividades criativas e recursos com os quais se enfrentariam as experiências traumáticas, é às vezes bastante precário ou até mesmo inexistente, sendo necessário favorecer sua construção durante o processo analítico.

Duas formas de funcionamento da pulsão

Freud (1900), em *A interpretação dos sonhos*, constrói um modelo do aparelho psíquico, do funcionamento da escuta e da interpretação desprendida deste funcionamento. O sonho, a partir de seu conteúdo manifesto, produto da deformação onírica e que perpassa

as ideias latentes, permite chegar até o desejo inconsciente. Um aparelho psíquico no qual o consciente e o inconsciente estão bem diferenciados, sendo o recalque aquilo que produz essa clara diferenciação. O recalque barra o excesso pulsional. Ele permite a existência de ligações constantes que organizam o “eu” e é básico para a organização do desejo. Esse funcionamento do aparelho psíquico servirá a Freud para explicar as formações do inconsciente: sintomas, lapsos etc., e para pensar o trabalho do analista na sessão.

Por meio do relato em associação livre e da interpretação do analista, ele poderá tornar consciente o inconsciente, lembrando as vivências e os afetos por elas provocados. O recalcado é trazido pelos restos dos sonhos e pelas associações, permitindo, mediante as repetições na transferência, a aparição desses afetos recalcados. Certamente este modelo fora construído por Freud a partir da clínica das neuroses; nelas, a pulsão procura a satisfação no interior do princípio do prazer adiado pelas circunstâncias da realidade. Essa pulsão está articulada na fantasia, tendo o desejo como o fio de ligação, pois nas suas primeiras experiências de satisfação, ele deixou marcas inscritas no psiquismo, criando um circuito de repetição que ele tentará reinvestir.

Estamos no campo da satisfação alucinatória do desejo. No entanto, a repetição regulada pelo princípio do prazer permite substituições e sublimações. O trabalho clínico circula entre a representação de coisa e a representação de palavra.

A partir de 1915, a ideia de repetição vai adquirindo características bem mais demoníacas com o surgimento do conceito de “compulsão à repetição”, que, posteriormente, em 1920, inclui a “pulsão de morte”.

No além ou aquém do princípio do prazer, no campo do traumático, o funcionamento da pulsão busca a satisfação imediata na mera descarga, não havendo marca de registro mnêmico que

permita articular a fantasia e o desejo. Desde o não escrito, desde a mera impressão sensorial, como força pura não ligada à representação, faz primar a ação. São diversos os caminhos que a moção pulsional pode seguir: a descarga no corpo, no ato, a precipitação no alucinatório ou a representação de coisa. Ou seja, agora a questão é se a moção pulsional conseguirá entrar no mundo da representação e na sua transição de um tipo de representação à outra: da de coisa à de palavra. A passagem ao ato e o retorno do mesmo são centrais na compulsão de repetição, que não repete para reencontrar o prazer e sim pela mera pressão da força pulsional, ainda que provoque desprazer. A pulsão na mera descarga evacuativa adquire uma forte potência destrutiva e seu excesso coloca o sujeito em uma posição de extremo desamparo. Estes dois modos de funcionamento serão diferenciadores importantes para pensar os lugares do analista na escuta e na sua forma de intervenção.

Mudanças da clínica: impasses da escuta

Cinquenta anos de clínica me fazem testemunha de mudanças significativas em seu interior. Às vezes, colocadas nas problemáticas, naquilo que é conflito para os analisandos, mas também no funcionamento psíquico e na relação entre as suas instâncias.

Começando pelas formas em que a demanda nos é formulada: em uma vida em que a velocidade e a eficácia são valores que imperam, conviver com as angústias e as tristezas é mal visto. A exterioridade, a imagem e o êxito social prevalecem como valores em detrimento do contato com a interioridade, a preocupação com os vínculos e os cuidados com os afetos. Recebemos, muitas vezes, a demanda de um trabalho que não demore muito, que libere dos sintomas com rapidez e que mostre a sua “eficácia”. Isso tem solicitado de nós, analistas, paciência e uma maior delicadeza para que

essas pessoas se aproximem da possibilidade de se entregarem ao trabalho de associação livre. Necessitando, muitas vezes, de uma flexibilização significativa no número de sessões, uso ou não do divã e etc.

Em segundo lugar, temos nos deparado com mudanças dos conflitos pelos quais somos procurados. As transformações introduzidas pelo novo mal-estar cultural e seus efeitos na subjetividade, as mudanças dos valores, dos ideais e dos imperativos da cultura têm feito com que as problemáticas trazidas sejam diferentes das de décadas anteriores. Na década de 1970, nós éramos procurados por moças jovens que se debatiam com conflitos sobre a virgindade e que, sem conseguir verbalizar o conflito, atravessadas pelo recalque, traziam sintomas de amenorréias, vômitos, condutas fóbicas e etc., sintomas neuróticos, que surgiam como formação de compromisso. Elas foram marcadas por uma moral sexual herdada do patriarcado, uma estrutura que desde o final do século XIX, estava se fragilizando e entrando em contradição com a proposta da liberação sexual, mas que no nível da subjetividade tinha deixado suas marcas.

Atualmente, somos procurados por um número significativo de mocinhas adolescentes que, sob o mandato da cultura de aproveitar tudo, de gozar tudo e de não desperdiçar nenhuma possibilidade de experiência – nesse caminho de “todo o prazer é meu” –, vivem uma pulsionalidade transbordante que tentam evacuar com cortes no corpo. Ou aquelas que, no conflito entre o “eu” e o “ideal de eu”, sendo o ideal o “corpo perfeito” e, portanto, fragilizadas narcisicamente, desenvolvem condutas anoréxicas com as consequentes amenorreias, agora não mais como formações de compromisso.

A sexualidade não deixou de ser conflitiva, mas o conflito não é o mesmo. Na época de Freud, o conflito se dava entre as fantasias

sexuais, os desejos de experimentar o prazer e a proibição da cultura, sobretudo para as mulheres, e o mandato de separação do amor e do prazer para os homens. Hoje em dia, responder aos imperativos do gozo irrestrito não deixa de trazer conflito, sobretudo quando se toma consciência dos custos.

Se antes éramos procurados por mulheres que, tendo entrado na vida profissional, se debatiam com as culpas por deixarem os filhos e pelas inibições para desempenhar determinadas funções que solicitavam certa “falicidade”, hoje somos procuradas por muitas jovens excelentes executivas, com um desenvolvimento profissional brilhante, mas que sofrem de esterilidade ou não conseguem enfrentar os terrores que a possibilidade de ter filhos provoca nelas.

Os quadros neuróticos como histerias, neuroses obsessivas e fóbicas povoam nossa clínica, mas junto a elas e principalmente na geração dos mais jovens, aparecem novas formas de sofrimento, com problemáticas ligadas ao desamparo, ao excesso e ao vazio, que se tornaram cada vez mais presentes. Recebemos muitos analisandos que vivem situações de extremo desamparo, ameaçados pelo risco de desorganização do “eu”. Parte significativa deles são organizações neuróticas que lhes permitem trabalhar, ter relações afetivas, mas que carregam um buraco que preenchem com as compulsões: bebidas, drogas, comida ou com a busca de todo o prazer sem medir os riscos. Uma parte, apresenta um desamparo a partir do qual os fenômenos psicossomáticos e as impulsões irrompem ou fabricam uma couraça, que substitui o corpo pulsional, na tentativa de cobrir o vazio.

Também temos nos deparado cada vez mais com sujeitos que sofreram violências devastadoras, roubos violentos, sequestros, estupros, tendo que lidar com seus efeitos dessubjetivantes. Ainda temos que assinalar as frequentes ocasiões, nas últimas décadas,

em que analistas têm sido solicitados junto aos que receberam o impacto de catástrofes sociais. Situações de avassalamento subjetivo, como o terrorismo de Estado ou atentados terroristas, e que não necessariamente remetem a uma falha prévia, mas em uma possibilidade até então existente, que se desvanece por efeito da irrupção do traumático.

Nossas clínicas continuam povoadas de neuróticos, histéricos, obsessivos e fóbicos com recalque bem instalado e com dificuldades no exercício da genitalidade e aspirações muito limitadas pelos medos que vão restringindo suas vidas. Eles dividem o espaço dos consultórios ou das instituições com outros. Suas fragilidades egóicas os deixam permanentemente ameaçados com a desorganização, ou as alterações do narcisismo os deixam encastelados na onipotência, com pouquíssima possibilidade de estabelecer vínculos afetivos, ou mesmo aqueles cujas fragilidades narcísicas os levam a “fechar a boca” nos sintomas anoréxicos e a abri-la demais nos sintomas bulímicos. Eles estão instalados em uma fronteira muito tênue entre o próprio corpo e o do outro. Todos precisam fazer uma separação com o Outro primordial e, na falta dessa separação, organizam estratégias de sobrevivência psíquica para fazer frente aos repetidos traumatismos da infância.

Esse conjunto de situações tem exigido dos analistas um esforço de reflexão a respeito da “metapsicologia dos processos psíquicos do analista na escuta”, para retomar uma expressão cunhada por Fédida (1989). Novas interrogações circulam entre os analistas: qual o funcionamento psíquico exigido do analista na escuta quando se trata do irrepresentável? Como se colocar frente ao excesso traumático para criar condições que permitam reconstituir o invólucro que se fragmentou e precisa ser reconstruído? Como trabalhar para direcionar-se ao luto do objeto primordial, cuja não existência leva a atuar permanentemente na destrutividade em

relação a si próprio, já que não há separação? Como fazer para, no império do ato, abrir espaço para algum pensamento? Quando Freud tratava dos neuróticos, por exemplo, dos obsessivos, se encontrava com o pensamento que agia como uma verdadeira prisão. Ele falava de uma regressão do ato ao pensamento, mas nesse caso o ato se referia à ação na vida com sentido e com projeto, como por exemplo ir em frente em um projeto de casamento. Hoje, cada vez mais nos encontramos com a situação inversa: o ato permanente, mas ato enquanto mera descarga pulsional, e uma grande dificuldade em abrir algum mínimo espaço para o pensamento.

Gostaria de fazer algumas considerações: entendo que estarmos atentos às mudanças que acontecem na clínica é fundamental para o trabalho e, sendo a escuta nosso principal instrumento, alongá-la para possibilitar caber o novo é fundamental. No entanto, penso que alguns movimentos que vêm acontecendo são para serem pensados. Acredito ser necessário repensar a nosografia clássica e talvez ampliá-la, mas é preciso que isso se faça com um trabalho rigoroso acerca da metapsicologia psicanalítica, não pela incorporação das classificações que vem da psiquiatria, que como sabemos, são classificações por síndromes, conjuntos de sintomas e não constelações metapsicológicas. A incorporação direta que vai se fazendo entre os analistas não ajuda. Por exemplo, existem condutas anoréxicas ou bulímicas que podem consistir em sintomas conversivos e outras que não. Nem todos os chamados de pânico são a mesma coisa, nem sequer o uso das drogas poderia ser pensado como um conjunto. Também não acredito que se deva pensar que agora a psicanálise é outra, ou que há uma nova psicanálise que vai dar conta das novas patologias, e pensar que a insistência das fragilidades ou dos impérios do narcisismo na clínica implica na conversão da psicanálise em uma teoria do narcisismo ou do objeto, até porque não há narcisismo sem sexualidade e não há objeto sem pulsão.

Penso que o arcabouço teórico-metapsicológico da psicanálise é amplo e que certas conceitualizações, que não foram levadas em conta, porque não eram tão necessárias, foram se fazendo muito necessárias para responder aos fenômenos clínicos com os quais nos encontramos todos os dias. Acredito que se trate de alongar e acrescentar, não de reduzir e de escolher um ou outro. Além da representação, o irrepresentável; além do traumático ressignificado, o traumático que não consegue ressignificação; além do recalque, a renegação e as outras defesas mais primárias; além da angústia, a dor. Ou talvez, se trate de pensar como o irrepresentável vai ascender à representação, ou como o meramente traumático vai poder ser ressignificado, ou como a dor vai virar sofrimento.

São muitos os desafios que a clínica do desamparo apresenta para nós. Os famintos de prazer e anestesia, que no caminho curto-circuitado da pulsão, solicitam de nós a capacidade para habitar o vazio e a incompletude, uma vez que estão muito solicitados a preencher alguém. Isso, além da capacidade de escuta criativa para construir teorias ficcionais, que permitam que a catástrofe psíquica não se instale, e muita paciência para que surja um amor de transferência – o que no império da pulsão e da pobreza de desejo não é fácil de acontecer. Fundamentalmente, nos exigem que não os convertamos em “quadros”, com o risco de perder aquilo que para nós interessa: a singularidade. Como afirma Kristeva (2002):

o certo é que, se um analista não descobre em cada um de seus pacientes uma nova doença da alma, é porque não os escuta na sua verdadeira singularidade . . . do mesmo modo, considerando que para além das nosografias clássicas e de sua necessária reformulação, as novas doenças da alma são dificuldades ou incapacidades de representação psíquica que chegam até a

matar o espaço psíquico, nós nos situamos no próprio centro do projeto analítico. (p. 16)

Cada análise é singular se o analista não tenta fazer do processo um divã de Procusto, deixando algo de fora ou sem escutar tudo o que não pode ser incluído numa doutrina já pronta; ou tentando um tipo de enquadre que seja totalmente impossível de manter. Como analistas, devemos nos entregar ao desafio de manter viva a inventividade e a criatividade que o processo nos solicita para poder ser único e inédito. Uma situação de risco, mas que é, ao mesmo tempo, de extremo prazer, quando nos lançamos no desconhecido e nos deixamos atingir pelo imprevisto.

Referências

- Alonso, S. L. (2011). *O tempo, a escuta, o feminino*. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Aulagnier, P. (1998). O trabalho da interpretação; a função do prazer no trabalho analítico. In R. Major, *Como a interpretação vem ao psicanalista* (pp.17-38). São Paulo: Escuta.
- Fédida, P. (1989). Modalidades da comunicação na transferência e momentos críticos da contratransferência. In P. Fédida, *Comunicação e representação* (pp. 91-123). São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1989). La interpretación de los sueños. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 5). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra original publicada em 1900)
- Freud, S. (1989). A propósito de um caso de neurose obsessiva. In S. Freud, *Obras completas* (Vol.10). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra original publicada em 1909)

- Freud, S. (1973a). La dinámica de la transferencia. In S. Freud, *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva. (Obra original publicada em 1912)
- Freud, S. (1973b). Recuerdo, repetición, elaboración. In S. Freud, *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva. (Obra original publicada em 1914)
- Freud, S. (1973c). Observaciones sobre el amor de transferencia. In S. Freud, *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva. (Obra original publicada em 1915)
- Freud, S. (1973d). Mas allá del principio del placer. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 18). Madrid: Biblioteca Nueva. (Obra original publicada em 1920)
- Freud, S. (1973). Construcciones en análisis. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra original publicada em 1937)
- Kristeva, J. (2002). *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Moscovici, M. (1990). *A sombra do objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Pontalis, J.-B. (1991). *A força de atração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Esta coletânea é testemunha de um longo percurso pelos caminhos da psicanálise. Silvia, além de brilhante clínica e professora, é pesquisadora ímpar nessa área. Seus escritos têm o dom da experiência refletida à luz da sensibilidade, inteligência e erudição. Sua investigação percorre temas fundamentais para a contemporaneidade: a sexuação, o feminino e o pungente problema da desumanização, além de clássicos como a escuta, o tempo e a transmissão da psicanálise. O rigor no trato com a metapsicologia, tanto a que lhe embasa quanto a que produz, rendeu-lhe respeito em todo o campo psicanalítico brasileiro. Seu trabalho é uma inspiração para analistas das mais diversas orientações.

– *Flávio Ferraz*

série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. *Flávio Ferraz*

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-402-5



9 786555 064025



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Ressonância da clínica e da cultura

Ensaio psicanalítico

Silvia Leonor Alonso

ISBN: 9786555064025

Páginas: 194

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022
